

Rita Ferro  
VENEZA PODE ESPERAR

Diário 1





*Segunda-feira, 6 de Maio de 2013*  
*11:00 h*

A ideia de normalidade associada a duas pessoas está-me tão entranhada que a falta do outro é como a de um membro. Não é da solidão ou do desamparo ou da melancolia que me queixo, é da deficiência em si. Já me casei e descasei três vezes, já vivi mais feliz sozinha do que acompanhada; mas jamais me habituarei a esta deformidade. Para uma senhora, é como andar na rua sem carteira, de mãos a abanar. Falta-me um dedo, um pé, um músculo. Por vezes, percorro as ruas alucinada, trôpega desse espanto.

A minha habilidade para continuar aqui, apesar do aleijão, causa-me horror. O silêncio do outro persegue-me onde esteja. No meu espírito, não é tanto o desenho de um rosto ou sequer o esboço de um perfil que me assente. Fantasio, claro, como toda a gente, a figura de um amado a dedicar-me a vida ou a bater-se por mim. Mas o que dói é o lugar vago, o humano desejo de que alguém restitua a metade que falta. É como caminhar estropiado, só com meio corpo, o do frango trinchado que foge da travessa desorientado e tomba a prumo da mesa.

A uma pessoa sem mão chama-se maneta, sem visão chama-se cega, sem inteligência chama-se burra, sem vida chama-se morta – como chamamos a alguém sem outro? Sozinho? Não descreve. Sugere escolha ou azar, um problema relativo e uma certa

conformidade. Bom que fosse. O inominado está para além da condição: um mal, uma doença capaz de incubar todos os horrores da humanidade, uma desordem de identidade, uma desorientação física e cósmica, um desnorte. Tenho de lhe arranjar um nome excepcionalmente adequado.

Quando enviuvou, a minha mãe sentiu essa ablação de uma forma atroz. Prevenida mas incrédula, a morte arrancou-lhe o marido. Para ela, foi como a excisão de um órgão vital. Os doentes a quem amputam as pernas continuam a senti-las durante algum tempo. Têm dores, comichão e ardor. Se estão felizes, podem até dar-lhes uma palmada, uma palmada no ar.

*Terça-feira, 7 de Maio de 2013*  
*09:00 h*

Comprei um tapete novo para a banheira, desses com ventosas. Sempre tive medo de cair no duche, sugestionada por um caso próximo: depois de um tombo, um poeta amigo deu um tiro na cabeça em plena reabilitação. Enfim, não sei se é medo da queda. A pessoa tem filhos, sonhos, projectos, momentos sublimes, horas de rasgo e um historial de resistência considerável, para postumamente a lembrarem assim:

*Coitado, morreu na casa de banho*

À cautela, tenho por hábito olhar os pés quando tomo duche. Hoje assustei-me: a água estava tingida de sangue. Por muita que corresse, a cor era sempre viva. Fechei a torneira e fiquei a olhar para baixo, aterrada. Ocorreu-me certa tribo de índios que

obrigava as adolescentes a viverem isoladas, depois da primeira menstruação, considerando a sua visão perigosa e os seus passos impuros. Rapidamente, estava desfeito o mistério. O tapete chegara embalado num cartão que arranquei à pressa, mas os agrafos ficaram presos à borracha, ferindo-me os pés.

Não me conformei. Merecia, para esta cena bíblica, uma explicação menos pedestre.

*Quarta-feira, 8 de Maio de 2013*

*23:00 h*

Foi depois do divórcio, do regresso do campo, da morte da minha mãe, de uma tristeza que ridicularizou todas as outras. Durante dois anos, fui completamente surda às ordens práticas da vida. Por vezes, relia o CV para me convencer de que escrevera livros, apresentara programas, ministrara cursos, dirigira pessoas. Custava-me reconhecer naquele peso morto, espojado no sofá, alguém que em tempos trabalhara. Foi uma paralisia que só me trouxe problemas. Estive meses sem pagar a Segurança Social e desatenta de outras obrigações. Quando dei por isso, não reagi. Obrigaram-me os filhos. Não fiquei tão aliviada por tudo se ter resolvido como por ter uma família destas. Foi sorte, é difícil ajudar sem sermões.

Era da idade do Miguel quando casei com o pai dele, um segundo casamento para que eu própria levava uma filha. O Miguel, de seis, a Marta, de quatro. Ao anunciar em casa que ia casar-me, a minha mãe, convencional, escreveu-me uma carta cheia de

vestibulares para chegar à verdadeira mensagem que queria passar-me:

*Pensa bem, Rita, podem casar-se*

Ri-me, mas fiquei com uma impressão no estômago. Que possibilidade imprevista e indigesta, dois miúdos criados como irmãos! Depois, alguém me lembrou que existem casos, muitos casos. Enfim, não aconteceu. Cresceram como irmãos verdadeiros e consideraram-se consanguíneos. Anos depois nasceu o Salvador, irmão biológico de ambos, e o laço fraterno foi rematado.

Estou a lembrar-me do meu pai, filósofo, perguntando: «Que humano, hoje, pode ou sabe não ser desumano?» Encontrei este filho. Inteligente, coriáceo, sensível. Passaram muitos anos e não voltei a cruzar-me com ninguém em que se vislumbrasse um esforço de aprimoramento pessoal tão sério como o dele. Foi um casamento difícil com muitas coisas boas, uma foi ele. Tem-me ensinado muito.

Nessa altura, havia empregada doméstica interna e despedira-me de uma multinacional exigente para assentar arraiais e constituir família. Mesmo assim, o tempo não chegava. Eram as ginásticas, as catequeses, as festas de anos, os pediatras, os trabalhos de casa, as idas ao supermercado arrastando dois carrinhos, as papeiras e varicelas. A imagem desfocada que tenho de mim, nessa época, é a de uma megera a gritar. Gritava porque o Miguel entornava o leite todos os dias, a Marta se fechava com os meus gritos e não colaborava, o Salvador atirava bibelôs pela janela e atingia quem passava, e o meu marido, apreciador de rabanetes cortados em flor, fazia uma cara estranha quando lhe servia iscas encaracoladas ou bifés de frango deslavados. Não era com eles que gritava, já se sabe; gritava comigo mesma. Queria escrever e não sabia.

Arrendávamos nessa altura uma casa em Fontanelas, para os três meses de Verão, com uma única nobreza: ser vizinha da do

Vergílio Ferreira, apresentado pelo meu pai à mesa do Coreto, o velho café da vila:

– É sua filha?

– Sim, a mais nova.

Agora sei: era aquele olhar duro mas curioso, buscando em mim substância, a introduzir-me à *aparição fantástica das coisas*.

Os meus pais visitavam-nos às vezes e almoçávamos juntos, com as crianças, numa tasca ali perto. Um dia, gritei tanto com o Miguel, por se portar mal à mesa, que a minha mãe disse que eu parecia uma madrasta. Não era justo, gritava tanto com ele como com os outros, mas estremei: podia dar essa ideia e não queria. Aliás, não gritava com eles, gritava contra a minha dificuldade de me adaptar a tanta coisa. As mulheres só dizem a verdade quando estão histéricas, embora nem sempre de forma legível. Bom, não interessa. Foi a partir desse dia que deixei de gritar. Com ele, com o meu marido, com todos. Divorciei-me pela segunda vez, ao fim de onze anos, e deixei de gritar daquela maneira. No fundo, quis dizer que de bom grado me mataria por eles, mas não sei se alguém ouviu.

*Quinta-feira, 9 de Maio de 2013*

08:00 h

Levantei-me estremunhada. Não me habituo à rapaziada que vive em cima e toma banho antes das oito, deixando cair o chuveiro com estrondo e correndo casa fora com martelos nos pés. Não devem ter tapetes e as tábuas corridas voltaram a estar na

moda. Talvez reclamasse se conhecesse os vizinhos, mas estou aqui há pouco tempo. Não quero criar ondas nem me apetece tocar-lhes à porta para me vincularem a uma primeira impressão sindical. Vou aguentar.

Ando menos matutina. Na fase em que estou, deito-me pelas duas, três da manhã, e levanto-me entre as nove e as dez, quando me deixam.

Gosto muito desta casa, para onde me mudei há três meses. Sempre vivi em casas grandes, esta é a mais pequena, mas também é a primeira vez em que vivo sozinha, universalmente sozinha. Casaram-se todos: o Miguel, a Marta, o Salvador. Em rigor, não preciso de mais espaço. Uma sala, um escritório, um quarto – às vezes sinto-me num hotel, na suíte de um hotel, e a ideia diverte-me. A casa tem luz, as pinturas são novas, os armários lacados – gosto de estar aqui. A anterior era maior e o acesso à garagem mais cómodo, mas aprendi a tempo que o tamanho ilude e pode ser uma fraude no bem-estar das pessoas. A escala menor dá-nos outra calma, a ilusão de controlo é maior. Hesitei, por ter vista para o cemitério, mas como está lá a minha mãe não me importo. Na outra também havia varanda, uma pérgula de 50 m<sup>2</sup> com vista, mas não a trocava por esta, com três toldos verdes articulados e vista para um bosque, um bosque verdadeiro. Ao fundo vejo os jazigos, uma pincelada branca no meio do arvoredo a lembrar uma aldeia alentejana, e rio-me do enguiço que causa às visitas.

Não sendo um condomínio de luxo, tem piscina, court de ténis, campo de futebol e parque infantil, e a vista alonga-se sobre uma tapada pública, limpa e arborizada, com um circuito de caminhadas e um lago com uma ponte suspensa. A urbanização nada tem de particularmente nacional, e os edifícios, em tijolo brilhante, lembram os das ruas de Madrid. Se gostasse de caminhar sozinha, fazia-o uma vez por dia. Paciência. Passeio com os netos, quando vêm dormir às terças e os levo lá abaixo.



É uma solidão fantasmática. Quando, depois de tantos meses de chuva ininterrupta, o sol se dignou a aparecer, esta gente invadiu a piscina e todo o espaço envolvente se encheu de vozes e risos. Muita miudagem a mergulhar e a jogar, suficientemente longe para não incomodar e perto o bastante para reconfortar quem ouve. Quando me sento na varanda não enxergo ninguém, mas há uma banda sonora de vida e alegria sempre a tocar que me refresca a alma, impedindo-a de se afundar. Se o condomínio fosse de luxo, de verdadeiro luxo, a piscina estaria vazia e os courts desocupados. Há uma condenação de retiro nesse segmento bíblico, que é também o seu preço, que o protege do confronto das abordagens e do rebate das comparações. Aqui, não. Há muitas famílias com filhos, uma vida a crepitar constantemente, um aproveitamento sedento das horas de liberdade, um ciclo que todos os dias se renova, um reconhecimento aos privilégios que os ricos, no seu isolamento estratégico, vão perdendo pelo caminho.

(Pensar que não quis esta casa, que visitei mil outras na desinça das quatro divisões! Tenho só três, está bem, e não tenho quarto de hóspedes; mas ainda não tive visitas a pernoitarem e deito os netos num sofá grande que tenho no escritório. Nunca se queixaram. Ficam fascinados por adormecerem ao lado de um computador que lhes reserva tanta magia, das escaladas do João Garcia, «que ficou sem nariz», aos desenhos animados d' *O Velho e o Mar*, do Hemingway.)

Ainda vivo no Estoril. Como troquei o azul do mar pelo verde da folhagem, não me sinto desfalcada. De manhã, oiço o canto dos pássaros e, ao entardecer, os grandes silêncios do campo.

Foi uma boa decisão, esta do Salvador, convencer-me a mudar de casa. É um filho otimista e autónomo, de grande doçura, que só interfere em momentos cirúrgicos, quando se sente indispensável. Foi assim que me entrou pela casa adentro de sorriso rasgado, num domingo à tarde, disposto a endireitar-me a vida em

plena crise com uma intervenção única. Uma ideia que começou por me aterrar e acabou resgatando o meu sentido prático: vender a casa da Avenida de Sabóia tão bem que me permitisse liquidar o empréstimo, comprar outra a pronto e amealhar uns trocos para o que me esperasse. Dito e feito: passados uns meses, o plano cumpriu-se.

Fui visitada poucas vezes e sempre por estrangeiros. Primeiro, por um sueco solene, parecido com aquele actor do Bergman que faz sempre de egoísta e me causa arrepios: o Erland Josephson. Depois, por uma romancista russa casada com o dono de um SPA. Finalmente, por uma francesa a viver no Zimbabwe – tudo isto é tão cinético, não é? Dir-se-á que ficciono, mas foi mesmo assim.

O sueco desistiu da compra quando lhe pedimos um preço e ele vira outro, inferior, na página de outra agência. Sentiu-se burlado. Nunca mais me atendeu nem pude explicar-lhe que não houvera intenção. Ficou convencido de que tentei roer-lhe a corda e a ideia de um nórdico se sentir moralmente superior ou associar a identidade do povo português a uma cidadã manhosa incomoda-me, mas perdi-lhe o rasto.

O casal russo chegou ao fim da tarde com a menina da imobiliária e ficou até muito depois de ela sair, perto das onze da noite, bebendo vodka e especulando sobre Portugal e este povo patusco. No fim, pensei: «Gostei tanto deles, caramba, a última coisa que me apetecia era estragar este novo conhecimento com contratos de promessa!» Desistiram, felizmente, porque conheci a Dominique.

Chegou a minha casa muito esquiva e tímida para a primeira visita, pedindo desculpa pela devassa e vendo as divisões a correr, para não atrapalhar. Ainda voltou, com uma amiga portuguesa, mas a terceira vez foi para assinar os papéis. Confessou-me que tem uma inclinação claustrofóbica, talvez por habitar uma planície africana, e se deixou encantar pela minha pérgula, que entretanto fechei com cortinas de vidro, triplicando a dimensão da

sala. Disse-me que fora amor à primeira vista. Vira dezoito casas e em nenhuma se sentira acolhida como na minha, o que me envaideceu. Foram também os livros, a ideia de muitos livros a aquecerem as paredes. Quando lhe perguntei se queria ficar com algumas coisas lá de casa, pois ia mudar-me para um andar mais pequeno e teria de me ver livre de metade, disse imediatamente «as estantes do corredor». Engoli em seco, teria de pensar em novas estantes para o escritório. Não foi preciso, afinal: em boa hora resolvi recuperar as que foram do meu pai, em carvalho canelado. Ficam lindas aqui!

Nunca vi ninguém tão leve, esperto e descomplicado a fazer negócios como ela. No dia do contrato despachámos tudo em três tempos. Convidei-a então para almoçar uma dourada, no Panorama. Lembro-me de ter agradecido à mudança que a minha vida sofrera a alegria de a conhecer. É francesa, mas o aspecto é em tudo o de uma portuguesa. Vive numa herdade no campo, próxima de Harare, e mostrou-me fotografias panteístas, suas e do marido, caminhando tranquilamente ao lado de uma manada de elefantes. O marido, um holandês de 55 anos, comercial da construção, não regressará à Europa.

– A vida ali é tão diferente, sabe? Vocês são roubados na rua ou nas caixas Multibanco, nós somos devorados por feras ou esquartejados por bandidos de estrada. Não se limitam a matar, cortam-nos dedos e cabeças. Tenho uma amiga que ficou incapacitada depois de um assalto e vive agora numa cadeira de rodas. Cada dia é uma dádiva e este apego que vocês têm às coisas, na Europa, parece-nos absurdo.

Quando chegou o peixe estremeci com a cor do *béarnaise*, tão diferente do molho dos Pirenéus que me embaraçou.

– Quando vem morar na casa?

– Tão cedo, não – respondeu. – Só viverei em Portugal dois meses por ano, no Natal. Tenho os filhos espalhados pelo Mundo,

sem grandes possibilidades de me visitarem tão longe, e os meus pais, já velhotes, a viver em Paris. Esta casa será o ponto de união de todos, estou muito feliz.

Dera-lhe o número de telefone do empreiteiro que me fizera a obra da varanda, para a ajudar na remodelação, e também o da empregada, caso precisasse de alguém que lhe cuidasse da casa durante os meses de ausência. Aceitou, e o empreiteiro, com quem me cruzei há dias, disse-me que renovou as casas de banho e a cozinha e que a minha casa parece outra. Há um mês, já esquecida, atendi-a:

– Rita, gostava tanto de voltar a vê-la! Estou no Estoril e queria ser eu, desta vez, a convidá-la para almoçar!

Não estava capaz de sair nesse dia. Agradecendo, disse-lhe que não podia, pois estava doente. Não estava doente, estava triste, o que vai dar ao mesmo, mas se lhe dissesse insistiria em alegrar-me. Há dias em que não queremos ser alegrados, estamos bem assim. Ligou ontem para me ouvir mentir de novo, da forma mais delicada que arranjei.

\*

Teria hoje o lançamento do livro da Mercedes Balsemão, mas hesito. Talvez lhe ligue a desculpar-me. Não tenho remorsos de mentir, se for para poupar os outros da papa das minhas constricções e do pântano das minhas desculpas. A tristeza é um travão oleado.

\*

Recebi há momentos um telefonema de alguém que me amou bem há uns anos e me arrependi de não ter retribuído. Vem agora visitar-me. Ignoro se o entusiasmo se mantém, mas não pude

deixar de reparar numa discreta mudança na minha disposição, uma espécie de suspiro reparador de todos os desalentos, um aperitivo de fim-de-semana retemperador. Pensando melhor, talvez vá ao lançamento.

*Sexta-feira, 10 de Maio de 2013*

*09:00 h*

Acabei por não ir. O Rui chegou depois das seis e saiu às nove. Estava igual, talvez um pouco magro, e as conversas interrompidas foram reatadas no tom de sempre.

Neste ofício que escolhi encontra-se gente inteligente aos pontapés, e culta nem se fala, mas homens espertos e viris, com sentido da realidade e, ao mesmo tempo, uma visão abrangente do Mundo, são raríssimos. Este, de outra área, é um luxo. Sintona qualquer estado de espírito e move as peças certas do tabuleiro, antecipando as jogadas, como um campeão de xadrez. Não entende a fundo as mulheres nem valoriza as nossas questões, como qualquer homem, mas nasceu com um sensor que detecta as zonas de perigo nas conversas e lhe dita os lances. Quando me via em baixo, não perdia tempo a investigar os motivos, apenas formas de me animar.

É o perfeito cavalheiro na adivinhação dos desejos, e o sentido de protecção sobre quem é muscularmente mais frágil brota-lhe como um reflexo. Nunca me acompanhou a um jantar sem uma flor para a anfitriã, nunca chegou sem uma lembrança, nunca passou à frente numa porta, nunca acelerou antes de me ver entrar,

nunca desistiu de lutar para me arrancar os pesos das mãos – não é, em suma, como certa raça de homens que desfalca as mulheres de atenções para se vingar das suas conquistas e, com esta desculpa imbecil, poupar trabalho e músculos.

Levei-o até à varanda para me ajudar a desenrolar um dos toldos, encravado, e fiquei embaraçada quando, mais uma vez, tropecei naquilo.

Há um gato sem coleira que se passeia na varanda e deixa as suas necessidades na laje, sempre no mesmo sítio. Todas as manhãs vou lá fora cheirar as madressilvas para começar o dia inspirada e é sempre nesse tão breve momento de poesia que encontro o cocó do gato.

Que chato! Entre cem varandas foi logo escolher a minha, já pensei se não será castigo por este meu desapego aos animais. Um dia, vi-o parado no meu escritório e ficámos a olhar um para o outro, medindo-nos. Gritei para o espantar, mas não resultou. Deixei de ter as janelas abertas. Quando saio e me esqueço, apercebo-me de que estive aqui. Ontem, ao chegar, reparei nas flores do centro de mesa espalhadas sobre a toalha. Era meia-noite, de modo que entrei em todas as divisões com o coração a bater, preparada para o encontrar em cima do frigorífico ou na minha cama, mas fugira. Deve ter-se apercebido logo da minha presença, têm 185 graus de visão e usam os bigodes para medir as distâncias.

É amarelo, com as patas e o focinho castanhos.